

humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA
MCMLII

NOTAS MÉTRICAS A ARISTÓFANES

COMPOSTOS EM TRÍMETROS IÂMBICOS

I

No estudo que fiz dos compostos aristofânicos (1), tive ocasião de observar que a posição, no verso, destas criações vocabulares, naturalmente expressivas, não era geralmente uma qualquer. Com efeito, os compostos apareciam em posição bem definida em relação às cesuras do trímetro, ou às suas diéreses, e poucas eram as exceções, em confronto com a grande maioria dos casos estudados. E o que se diz do trímetro iâmbico do diálogo, diz-se dos tetrâmetros da parte declamada.

Quero aqui alargar as minhas observações, partindo da simples colocação para a própria estrutura métrica dos compostos aristofânicos em trímetros iâmbicos. Como palavras longas, tão longas que uma só pode constituir um verso inteiro, o problema da sua composição morfológica e semântica não pode dissociar-se da estrutura rítmica que lhes permite figurar no verso.

Começemos pela colocação dos compostos em relação à cesura pentemímera. Pode dizer-se que esta cesura divide métricamente o verso em duas metades, embora a segunda seja mais extensa: 5 meios-pés // 7 meios-pés.

Assim, a primeira parte dum trímetro iâmbico apresentará, quando perfeitamente regular, a forma seguinte a que podemos chamar canónica:

(1) «*ΔΙΠΛΑ ΟΝΟΜΑΤΑ* no estilo de Aristófanês», Coimbra, 1952. As palavras de que no presente artigo me ocupo, são nomes compostos de temas nominais e de temas verbais, que, na sua quase totalidade, só aparecem em Aristófanês. Outros compostos são tomados em consideração apenas ocasionalmente.

Mas é preciso não esquecer as substituições (1) admitidas pelo iambo nos pés ímpares, e as admitidas nos pés pares, com exceção do sexto:

ímpares

Pares

Deste modo, a primeira parte do verso pode apresentar, para o métron inteiro que a constitui, uma variedade grande de combinações dos 2 pés iniciais; e o quinto meio-pé pode ser constituído por uma breve uma longa ou duas breves. Todavia, nos três casos por mim registados, em que um composto aristofânico ocupa toda a primeira parte do verso até a ces. pentem., o esquema é muito simples, regular, e quase uniforme:

Φάηλιαστής " εατιν ώς ονδεις άνήρ (V. 88]

άπηλιαστά.

Σπειρείται γάρ τοντ εκεί (Av. 110)

αποβολιμαίος π των δπλων έγίγηνετο. (P. 678)

É de notar que a palavra *άπηλιαστά*, em Av. 110, responde, com a mesma colocação, à pergunta *Μών ήλιαστά;* (-----) do verso anterior.

(1) Cf. J. W. White, «The verse of Greek Comedy», pág. 38:

§ 99. The distribution of the various forms of the foot that are found in the trimeters of Aristophanes is as follows:

	1	11	111	IV	V	VI
Iambs	2205 *	6667	2243	6865	3090	8833
Tri brach s	208	960	308	1107	71	0
Spondees	4804	-----	5174	-----	5162	0
Dactyls	459	849	162	0
Anapaests	1158	1208	261	863	350	2
	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	8834	8835	8835	8835	8835	8835

* The first metre in Pax 663 is a choriambic iambic dipody,

As coisas passam-se com um pouco mais de variedade, quando o composto termina na cesura pentemímere, mas não ocupa todo o primeiro *κῶλον*. Podemos dividir os esquemas métricos, apenas por comodidade de exposição, em duas partes:

- a) O segundo pé é um iambo:

)"(
 τον χωλοποιόν οιος π ὄν θρασυννεται. (R. 846)
 <-)

ΣΤ. ὙΩ λακκόπρωκτε. ἦ

ΦΕ Πάττε πολλοῖς τοῖς ρόδοις. (N. 1330)

και πτωχοποιε " και ρακιοσνρραπτάδη; (R. 842)

(-) –

ως λενκοπληθής " ην ΙδεΤν ήκκλησία' (Ecc. 387)

(. ο

0" τι; χαννοπρόκτονος ἦ τονς Τάονας λέγει (Ach. 106)

(----)

καί πτεροδόνητα' " σν δέ κλων εισει τάχα. (Av. 1390)

- b) O segundo pé apresenta resolução do iambo:

1. tríbraco:

)"(— — — —

ο βνρσοπαφλαγών, " νποπεσών τον δεσπότην (Eq. 47)

(_) — — — ~ —

και γνωμοτπικός " και σαφής και κρονστικός (Eq. 1379)

2. anapesto :

(_) — — —

καί πραγματοδίφης. " Ειτα δέομαι πτερά λαβών (Av. 1424)

'Q Ποντοπόσειδον " και θεοί πρεσβντικοί, (PL 1050)

(— ~) —————

*ΑλΧη τριχόβρωτες " τονς λόφονς μον κατέφαγον; (Ach. 1111) '

Na série a) o esquema métrico dos compostos é trocaico, e a sílaba ou sílabas precedentes servem de uma espécie de anacruse que transforma o ritmo de trocaico em iâmbico. Na série b) os compostos facilmente podiam integrar-se num métron iâmbico. Se o poeta os fez preceder de uma sílaba de anacruse, poderá concluir-se que a sua preocupação se relacionou com a constituição a dar ao primeiro hemistíquio e .com o desejo de fazer coincidir o fim do composto com a ces. pentemímere. Quanto aos compostos de esquema — (o final dum hexâmetro dactílico), dificilmente podiam aparecer na constituição dum métron isolado, porque o espondeu não é admitido nos pés pares. Daí a indispensável sílaba de anacruse que transformava o ritmo de dactílico em iâmbico e levava a final do composto à coincidência com a cesura pentemímere.

O segundo hemistíquio, depois da ces. pentem., tem a forma canónica seguinte, que pode apresentar variantes de acordo com as substituições já referidas:

O composto aristofânico, colocado logo em seguida à ces. pentem., pode ocupar todo o segundo hemistíquio:

- a) com excepção do meio-pé final, no caso seguinte:

- — —)-

"*Αληθές, οντος; " κρουνοχυτ ροληραϊος εϊ. (Eq. 89)*

- b) com excepção do iambo final:

εγενεθ ύπαντοϋ " ψενδατραφάζνος πλέα (Eq. 630)

τάς μοιχοτρόπους, τάς " άνδρεραστρίας καλών (Th. 392)

λευκής νοτίζει " μελανοσυρμαίω λεω. (Th. 857)

Neste último verso, o composto aristofânico substitui *χίονος υηραίνει* ("-----) do verso 3 da *Helena* de Eurípides, do qual é paródia (1). É curioso notar que a substituição cómica se deu no segundo

(1) Cf. A. Costa Ramalho, *livro citado*, pág. 104-5.

hemistiquio (como era natural, querendo fazer avultar a intenção parodística), logo em seguida à cesura pentemimere.

c) sem excepção:

Τον μεν γάρ δζει " κρομμυνοζνρεγγίας (P. 529)

δσην εχει την π πρωκτοπεντετηρίδα. (P. 876)

Τού στρατεύμα η πολεμολαμαχαϊκόν. (Ach. 1080)

α δ' ώδνήθην, " χραμμακοσιογάργαρα. (Ach. 3)

Πίκραν τάχ οχρει " στρεψοδικοπανονργίαν. (Av. 1468)

άπεριάλλητον, " κομποφακελορρήμονα. (R. 839)(1)

ον δη 5με ταυτ , ώ " στωμνλιοσνλλεκτάδη (R. 841)

καί βλέψον εις τον " Ηρακλειοζανθίαν (R. 499)

O esquema, como acaba ver-se, de um composto colocado nestas condições, é *surpreendentemente* regular. Nos exemplos observados, o *leçitio* correspondente à segunda parte do trímetro iâmbico, em seguida à ces. pentem., apresenta-se com mais frequência — é curioso observá-lo! — com o esquema rítmico da frase *ληκόθων άπόλεσεν* de *Ran.* 1208 e segs. (— --) que, como se sabe, deu o nome a este cólon.

A colocação dum composto aristofânico entre a ces. pentem. e a diérese seguinte (a do segundo para o terceiro métron) também não é rara. A fórmula mais regular terá, com as substituições admitidas, a representação seguinte:

$\eta \text{ } ^\nu$ — I 3.0 métron

(1) Notar a constituição do verso, formado só de duas palavras, dois compostos. O primeiro hemistiquio ($\text{—} \blacksquare \text{—}$) é muito regular.

Na análise dos compostos aristofânicos, encontrei os seguintes esquemas :

Ὀν ληϊρι χρνσο, ᾿ χαννόπρωκτ Ἰαοναυ (Ach. 104)

αγροίκοσ οργήν, ᾿ κναμοτρώζ, ἀκράχολοσ (Eq. 41) (1)

οἶσεισ βλέπουσα ᾿ θνυμβροφάγον. ᾿Ωσ μακάριοσ (Ach. 254)

᾿Ω οντοσ οντοσ, ᾿ τνφεδανε καί χοιρόθλιψ, (V. 1364).

A importância da cesura heftemimere na colocação dos compostos aristofânicos, embora quantitativamente menor, que a da pentemímere, pode também observar-se nos dois casos seguintes:

a) colocação entre a cesura triemímere e a heftemimere. A forma canónica será: " — I ", isto é, um composto com esta conformação métrica será um *ditroqueu*. Encontrei as seguintes variedades :

ΛΑ. Φέρε δενρο ᾿ γοργόνωτον ᾿ ἀσπίδοσ κύκλον. (Ach. 1124) (2)

Τισ αμφί ᾿ χαλκοφάλαρα ᾿ δώματα, κτυπεῖ; (Ach. 1072) (3)

ἀνθρωπον ᾿ ἀγριοποιόν, ᾿ ανθαδόστομον, (R. 837)

Neste último verso as cesuras delimitam todas as palavras, das quais duas são compostos aristofânicos.

(1) Note-se neste verso que o terceiro métron é formado por um composto apenas, e que a expressão *αγροίκοσ οργήν*, que forma o primeiro hemistiquio, equivale semanticamente a um composto também.

(2) A resposta de Diceópolis ao verso de Lâmaco é:

ΑΙ. Κάμοί πλακωντοσ ᾿ τνρόνωτον δοσ κύκλον. 1125

São de notar a constituição idêntica dos dois compostos, a quase identidade fônica do crético final do verso, a colocação de *τνρόνωτον* entre a ces. pentem. e a ces. eneamímere.

(3) A regularidade métrica e o vocabulário dão a este verso um tom inconfundível de paratragédia.

b) colocação entre a cesura heftemímere e o fim do verso. A forma canónica será « — « —, isto é, o cólon conhecido por *hipodocmiaco*. Com a regularidade rítmica que caracteriza os compostos aristofânicos, esse esquema métrico encontra-se nos casos seguintes:

	<i>δρηθός εστιν; ῥΑγα " κομπολακίθου;</i> (<i>Ach.</i> 589)	
<i>EP.</i>	<i>τοντί τι εστι το κακόν;</i>	
<i>TP.</i>	<i>Ἰπποκάνθαρος.</i>	(<i>P.</i> 181)
	<i>Δοκόν γυναικῶν εργα ἢ νυκτερεΐβια</i>	(<i>Th.</i> 204)
	<i>άνθρωπον αγρισποϊόν, " άθθαδόστομον</i>	(<i>R.</i> 837)
	<i>επάσομαι μέλος τι ἢ μελλοδειπνικόν.</i>	(<i>Ecc.</i> 1153)

Encontram-se variantes nos casos seguintes:

	<i>νεανίαϊ ἄκκλέπτουσι " μεθυσκοτόταβοι"</i>	(<i>Ach.</i> 525)
	<i>προς Δ ιός, δς ἡμῖν εστιν ἢ δμομαστιγίας</i>	(<i>R.</i> 756)
	<i>εἶπομι ἂν αυτό δητα " κομ'ψενριπικός;</i>	(<i>Eq.</i> 18)

Estas variantes representam tipos conhecidos de *docmiaco*, mas não é provável que este *cólon*, frequente nos trechos líricos do drama trágico, tivesse qualquer individualidade no esquema do trímetro iâmbico do diálogo. E o mesmo pode dizer-se do *hipodocmiaco* atrás citado, bem como do *coláriorion* (*φιληλιαστής, άπηλιαστής*), frequente em séries de dáctilo-epítritos líricos, ou do *adónico* (*πραγμα-τοδίφης, Ποντοπόσειδον*), etc..

II

Já nos referimos à colocação de compostos entre a cesura pentemímere e a diérese do segundo para o terceiro métron.

A diérese, porém, pode constituir uma forma de delimitação duma palavra expressiva no verso, sem o auxílio de qualquer cesura, isto é, uma palavra pode ficar colocada simplesmente entre duas diéreses.

Tal pode acontecer, naturalmente, quando a palavra constitui um métron capaz de figurar num trímetro iâmbico. Nos tetrâmetros anapésticos, que terminam, como se sabe, por um *ionicus a minore* (« * —), o último métron é frequentemente preenchido por uma só palavra.

Um exemplo típico, em trímetros iâmbicos, desta colocação duma palavra de diérese a diérese, é o seguinte verso, cuja palavra central é provavelmente uma criação aristofânica:

ἀτεράμονες, Μαραθωνομάχαι, σφενδάμηνοι. (Ach. 181)

O composto *Μαραθωνομάχαι* é um métron anapéstico perfeito. Não admira, por isso, que o outro passo em que se encontra em Aristófanes, seja um tetrâmetro anapéstico, no qual constitui o segundo métron completo, e fica também ao centro do verso, imediatamente antes da diérese principal:

(ΔΙΚΑΙΟΣ ΛΟΓΟΣ) Ἀλλ' ὄνν χαμ εστὶν ἐκεῖνα,

ἐξ ὧν ἀνδρας Μαραθωνομάχας ἠμὴ παίδενσις εθρεψεν. (N. 986)

Em qualquer dos casos, tanto no trímetro iâmbico, como no tetrâmetro anapéstico, a palavra fica entre a 1.^a e a 2.^a diérese.

Entre o início do verso e a 1.^a diérese, encontra-se o composto no verso seguinte:

Βνρσαίετος¹ μεν δ Παφλαγών εσθ' ούτοσί. (Eq. 203)

No verso 209 da mesma peça (ver na pág. 28), o métron *βνρσαίετον* é usado em posição final.

Compostos antes da 1.^a diérese encontram-se em *Ach.* 163, *Eq.* 1181, 1189, *V.* 1165 e *Th.* 392. Notar-se-á que os compostos ocupam todo o primeiro métron com excepção do meio-pé inicial; isto é, trata-se de palavras cujo esquema rítmico é de natureza trocaica, e que não podiam, portanto, dispensar a *anacruse* inicial, quando empregadas para constituir um métron iâmbico. As formas métricas dos compostos e os respectivos versos são:

ο σωσίπολις. Οἶμοι τάλας ἀπόλλυμαι, (Ach. 163)

(-) - w w . - !

Ἡ Γοργολόφα σ' ἐκέλενε τοντονί φαγεῖν (Eq. 1181)(1)

)-(.-.- 1

Ἡ Τριτογενής γάρ αντόν ενετριτώνισεν. (Eq. 1189)

(w w) _ . " _ |

πάνυ μισολάκων αντοῦ ὅστιν εις των δακτύλων. (V. 1165)

)-(— - 1

τάς μοιχοτρόπους, τάς ανδρεραστρίας καλών (Th. 392)

Notar-se-á que quatro compostos, em cinco estudados, são *coriambos*.

Em posição final encontra-se um certo número de compostos cuja conformação métrica especial (por 2.º meio-pé, um iambo), lhes permite ocupar tal lugar. Deve notar-se que também aqui é Aristófanes particularmente exigente. Com efeito, o quinto pé do trímetro iâmbico podia ser qualquer dos que substituem o iambo, em posição ímpar, e White menciona, na estatística atrás citada, 71 casos de tríbracos e 162 de dáctilos no quinto pé. Todavia, nos compostos aristofânicos que estudei, o iambo final é sempre precedido por uma sílaba longa, isto é, encontra-se um crético no final dos trímetros, seja quaj fôr a constituição do meio-pé precedente:

70 γάρ δίκαιον οἶδε και τρυγωδία. (Ach. 500)

άλ?ι εξ δτονπερ ό πόλεμος, στρατωνίδης (Ach. 596)

ετόρννε δ'αντή Παλλάς ή Πνλαιμάχος. (Eq. 1172)

"Οστις; πολίτης χρηστός, ον σπονδαρχίδης, (Ach. 595)

ον όῢ εξ δτονπερ ό πόλεμος, μισθαρχίδης. (Ach. 597)

(1) É curioso notar que os epítetos de Atena na última cena iâmbica de *ΠΠΠΗΣ* têm todos colocação métrica expressiva. São eles, além de *Γοργολόφα* e *Τριτογενής* que ocupam o primeiro métron, *Πνλαιμάχος* 1172 e *Φοβεσιατράτη* 1177 que constituem o último métron, e *Όβριμοπάτρα*, 1178, que fica colocado antes da ces. pentemímere.

ἐπί την θνραν μοι Χαιρίδης βομβανλιοι; (Ach. 866)

Τον ονν δράκοντα φησι τον βνρσαιέτον (Eq. 209)

*Γνναικα δ*είναι πραγμ εφη νονβνστικόν* (Ecc. 441)

**Ησθην απειλαΐς, εγέλασα ψολοκομπΐαις* (Eq. 696)

A comédia «Acarnenses» apresenta o maior número de casos deste emprego em posição final, de compostos aristofânicos que constituem um métron completo. É particularmente significativa a ocorrência dos três *απαξ λεγόμενα* em *-ίδης*, nos três versos consecutivos, 595-6-7, dos quais os dois últimos quase só diferem na palavra final:

..... σπονδαρχίδης, 595

αλΧ εζ δτονπερ ο πόλεμος, στρατών ίδης,

σν δ » » » » μισθαρχίδης.

III

Consideremos agora os compostos longos, os *πολλαπλά*, que ocupam o verso inteiro, com excepção de poucas sílabas. Estudemos, em primeiro lugar, os três exemplos seguintes:

1^ - v, // _ 1 w - o -

αρχαία μελισιδονοφρνηχιήρατα (V. 220)

v^ Jw// w// Jw Vw

καλλως κυμνοπριστοκαρδαμογλνφον (V. 1357)

|w w//— w//—| w _

τας ενδιαεριανρονηχέτονς τινάς. (P. 831)

Estes três compostos têm de comum uma regularidade métrica notável e, paradoxalmente, uma perfeição rítmica ainda mais acentuada do que aquela que caracteriza, em Aristófanes, os versos formados de palavras usuais. Tudo se passa como se o poeta quisesse intro-

duzir, nos seus trímetros, palavras burlescas e insólitas, mas possuidoras do mais apurado ritmo iâmbico.

As cesuras ajudam a identificar os elementos de cada composto: entende-se a importância que este facto tem na compreensão, por parte da assistência, de palavras que esta ouvia pela primeira vez, e sobre as quais a rapidez normal do diálogo pouco tempo lhe deixava para reflectir.

Em *μελισιδωνοφρνηχηράτα*, se admitirmos a cesura eneamimere (1) (de que os compêndios normalmente não falam, mas se encontra nos trímetros iâmbicos), obtemos a divisão rítmica seguinte: *μελισιδωνο-φρνηχη-ήρατα*, a saber, (ces. triem.) // ces. heftem.-ces. eneam.-crético final. Mais deve notar-se que a marcação da primeira diérese, se quiséssemos tomar em linha de conta também esse elemento, coincidiria com o final do primeiro elemento do composto, *μελί*.

Em *κνμνοπρίστοκαρδαμογλύφος*, a sequência das pausas rítmicas dar-nos-á *κνμίνο-πρίστο-καρδαμογλύφος*, a saber, ces. pentemímere-ces. heftemimere.

No último composto citado, aliás de reconstituição conjectural (2), *ενδιαερί-αυρο-νηχέτους*, a sequência das pausas rítmicas dar-nos-á ces. pentem.-ces. heftemimere. Como as diferentes lições propostas diferem geralmente no elemento colocado entre as cesuras pentem. e heftem., esta decomposição rítmica é válida para as seguintes variantes: *-αυρι-*, *-αυερι-*, *-αιερι-*.

E finalmente, dois compostos que, em dois versos sucessivos do mesmo drama, ocupam todo o trímetro menos a sílaba inicial:

— KJ KJ —h // KJ a syll KJ KJ / KJ 11 **** KJ —

ΑΥ. ώ σπερμαγοραίολεκίθολαχανοπόλιδες, (Lys. 457)

KJ KJ KJ 11 KJ KJ ff \ sJ / KJ

ώ σκοροδοπανδοκεντρίαρτοπόλιδες, (Lys. 458)

No primeiro composto, a decomposição, segundo as pausas rítmicas, dá-nos: *σπερμαγοραω-λεκίθο-λαχανο-πόλιδες*, isto é, uma sucessão de ces. pentem.-ces. heftem.-ces. eneamímere-crético final.

(1) Cf. a nota 2 da pág. 24; e *V.* 1364, *Av.* 1402.

(2) A lição de Coulon (que não menciona Dindorf, *-avoi-*) é a de Van Herwerden. Para as outras vv. 11,, consultar Victor Coulon (ed. *Belles-Lettres*).

b) depois de dois pés inteiros (seguidos de um pé que fecha o verso):

$\chi\prime \text{ --- } \nu \text{ ---} \nu \text{ ---}$

εχων τρόπους φρναγμοσεμνάκους τινάς. (V. 135)

c) no fim do verso:

$\nu \nu \circ \text{ +} \text{-----} \text{w---}$

και πτωχοποιε και ρακιοσγγραπτάδη; (R. 842)

O primeiro verso, *N. 101*, não tem cesura, uma vez que a triemímere (*μεριμνο-*) não divide suficientemente o verso; e segundo, *V. 135*, só tem cesura. Se admitirmos a heftemímere entre os dois termos do composto (*φρναγμο-σεμνάκους*); o terceiro verso, dito em *R. 842* pelo Esquilo aristofânico, no duelo entre este e Eurípides, é perfeitamente dividido pela cesura pentemímere em duas partes de frase sintácticamente simétricas, ambas começadas por *καί*. A perfeição rítmica convém evidentemente ao papel do tragediógrafo na comédia aristofânica.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO